

## DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA AUTOCONSCIÊNCIA EM INDIVÍDUOS COM AUTISMO: CONTRIBUIÇÕES PARA A COMPREENSÃO DO COTIDIANO EDUCACIONAL

Alanny Nunes de Santana; Jessica Barbosa da Silva

(Universidade Federal de Pernambuco, [alanny46@gmail.com](mailto:alanny46@gmail.com), [jjessicabarbosa@hotmail.com](mailto:jjessicabarbosa@hotmail.com))

**Resumo:** O desenvolvimento cognitivo de indivíduos que apresentam autismo ainda permanece enigmático. São diversos os estudos atuais que tratam de questões relacionadas ao Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), entretanto, ainda são poucos os trabalhos que abordam os aspectos cognitivos relacionados a este transtorno. Desse modo, considerando que ainda há muito a descobrir, especialmente se houverem pretensões de intervenção, objetivou-se com este artigo de revisão narrativa da literatura apresentar uma discussão sobre o desenvolvimento cognitivo de indivíduos com TEA, com ênfase nos aspectos referentes à autoconsciência. Apresentamos as principais alterações nos processos de autoconsciência experienciados por indivíduos com autismo, bem como a importância do desenvolvimento cognitivo impulsionado pela aprendizagem no âmbito de atividades interventivas voltadas ao contexto escolar. Sugere-se que pesquisas futuras sejam realizadas a fim de esclarecer questões não discutidas neste artigo, a exemplo das alterações em outros processos cognitivos também relevantes na compreensão do transtorno e das necessidades educativas especiais dos indivíduos com TEA.

**Palavras-chave:** autismo, desenvolvimento cognitivo, autoconsciência, escola.

### Introdução

O desenvolvimento cognitivo de indivíduos que apresentam autismo parece permanecer enigmático, existindo ainda muito a descobrir, especialmente se houverem pretensões de intervenção. Nesse sentido, Souza et al. (2004) apontam que na atualmente, mesmo com o progresso tecnológico, os estudiosos nem sempre conseguem responder às mais variadas perguntas necessárias à compreensão do ser humano e do seu desenvolvimento. Considerando este cenário, existem diversos estudos atuais que tratam de questões relacionadas ao Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), entretanto, persiste uma enorme dificuldade na compreensão dos indivíduos que apresentam este transtorno, de modo a comprometer a tão almejada inserção escolar destes.

Quanto a definição e a própria etiologia do TEA sempre houveram controvérsias, sendo isto notável no próprio texto inaugural referente ao transtorno, no qual inicialmente se afirma uma etiologia psíquica e, posteriormente, uma etiologia orgânica (KANNER, 1943). Compreende-se que o autismo pode ser entendido tanto enquanto um transtorno orgânico resultante de uma patologia cerebral, quanto como uma doença crônica desenvolvida, que provoca sérios comprometimentos na linguagem, na comunicação e na cognição como um todo (RODRIGUES e SPENCER, 2010).

Partimos neste artigo da perspectiva que considera o autismo enquanto um transtorno do desenvolvimento, mais especificamente do desenvolvimento cognitivo, que apresenta enquanto características as anomalias do comportamento social, da linguagem e da cognição (STERNBERG, 2010). Afirma-se que as crianças com autismo possuem funções cognitivas alteradas, apresentando dificuldades na compreensão da linguagem falada e na utilização dos gestos, na percepção das contingências dos seus comportamentos e dos comportamentos dos outros, déficits de abstração, sequencialização, compreensão de regras, dificuldades de processar e elaborar sequências temporais e dificuldades na compreensão de estímulos multissensoriais (GARCIA e RODRÍGUEZ, 1997).

Segundo Fiore-Correia et al. (2010) o TEA envolve prejuízos em uma tríade, a saber: na interação social, na comunicação e nos comportamentos. Os déficits na interação social ocasionam severos problemas nas capacidades de iniciar, manter e estabelecer interações, enquanto que os prejuízos na comunicação envolvem alterações tanto nas comunicações verbais quanto não-verbais. O comportamento dos indivíduos com TEA, como último elemento da tríade, apresenta características atípicas, de estereotipia, restrição e repetição.

Nesse contexto, discute-se acerca dos aspectos comportamentais, da linguagem e da comunicação dos indivíduos com TEA, contudo, aspectos relativos ao desenvolvimento cognitivo e, em especial, relacionados à autoconsciência destes indivíduos pouco são mencionados nas pesquisas. Desse modo, pensando nas características do desenvolvimento e do funcionamento cognitivo dos sujeitos com autismo, podemos nos questionar se haveria alterações significativas nos processos de autoconsciência, bem como se este aspecto cognitivo é relevante na condução de intervenções educacionais com indivíduos que apresentam TEA.

Considerando estes questionamentos, o presente artigo se propõe a promover uma discussão sobre a temática, apresentando alguns aspectos relativos ao desenvolvimento cognitivo de indivíduos com autismo. Abordaremos especificamente aspectos referentes à autoconsciência e discutiremos brevemente a respeito das possibilidades interventivas voltadas ao desenvolvimento de habilidades cognitivas no contexto escolar.

Ressaltamos aqui que a inclusão escolar de crianças com TEA se refere a uma alternativa que pode fornecer contatos sociais e viabilizar o desenvolvimento, todavia, ainda esbarra em grandes problemáticas. Nesse contexto, é de grande importância o conhecimento

acerca das particularidades no desenvolvimento de crianças com transtornos do espectro autista para que assim sejam desenvolvidas e implementadas práticas pedagógicas que considerem as especificidades e dificuldades do indivíduo, garantindo a real inclusão escolar (CAMARGO e BOSA, 2012). A temática abordada ainda se demonstra relevante tendo em vista que o TEA ocasiona dificuldades de aprendizagem que exigem, impreterivelmente, adaptações tanto pedagógicas quanto socioculturais no ambiente escolar.

## **Metodologia**

Trata-se de um artigo reflexivo realizado a partir de uma revisão narrativa da literatura nacional e internacional acerca do tema Desenvolvimento Cognitivo de Indivíduos que apresentam Autismo, com ênfase no processo de autoconsciência. A revisão narrativa da literatura, segundo Guzzo e Katzell (1987), se refere a um método que, embora criticado por seu caráter subjetivo, mostra-se relevante por ter um estilo diferente da revisão sistemática e por ser uma nova possibilidade metodológica escolhida a depender dos objetivos propostos pela pesquisa bibliográfica. Conforme Rother (2007, p.1), a revisão narrativa proporciona publicações amplas e apropriadas para descrever e discutir sob determinados assuntos, sendo basicamente a “análise da literatura publicada em livros, artigos de revistas impressas e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal do autor”.

## **Resultados e Discussão**

O desenvolvimento cognitivo depende do envolvimento de várias funções e do bom desempenho destas, a exemplo da linguagem, da coordenação motora e do suporte afetivo-emocional. Tratando-se dos indivíduos com autismo em contexto escolar, a prática docente precisa estar voltada para atividades que estimulem o desenvolvimento de áreas específicas da aprendizagem nas quais estes possuem mais dificuldades. Conforme Cunha (2016) atividades que envolvam música, jogos coletivos que utilizem tecnologias digitais e estimulem o raciocínio e, pesquisas em áreas distintas do conhecimento sobre temas que o estudante tem interesse são exemplos de atividades que estimulam o desenvolvimento de habilidades cognitivas como a atenção, percepção, cognição e a linguagem.

A autoconsciência, neste contexto, demonstra-se enquanto uma dessas habilidades cognitivas que, quando estimuladas, podem favorecer a inclusão educacional.

Compreendemos aqui a autoconsciência como uma habilidade cognitiva relacionada à capacidade de autorreflexão e auto reconhecimento, sendo esta habilidade exclusiva da espécie humana, que representa a única capaz de refletir acerca dos seus próprios sentimentos e ações. Hobson et al. (2006) afirma que a autoconsciência apresenta função fundamental, na medida em que permite ao indivíduo o planejamento de comportamentos e a compreensão de si mesmo.

Percebe-se que nos casos de autismo severo as alterações nas funções cognitivas são tantas que não há meios de observá-las, sendo possível apenas o estabelecimento de inferências. Entretanto, na síndrome de Asperger (autismo menos severo) existe uma consciência de si e ao menos algum poder de introspecção e relato, logo, a autoconsciência é mais acessível (SACKS, 1995). Destaca-se que o autismo tem sido frequentemente referido como uma síndrome cujas características envolvem a falta de autoconsciência ou uma falha na distinção entre o eu e o não eu, ou seja, uma inabilidade em reconhecer o self e o não self. Além disso, as crianças com autismo apresentam dificuldades na aquisição do pronome eu como referência de si, podendo esta falha estar relacionada ao déficit na autoconsciência (FERRARI e MATTHEWS, 1983).

Fiore-Correia et al. (2010) afirmam que indivíduos com autismo apresentam falhas em todo o processo de interações sociais e comunicação, sendo isto consequência de uma deficiência no autoconceito e/ou autoconsciência. Os autores relatam que é possível que indivíduos com TEA consigam reconhecer sua imagem, realizar imitações, apreender as intenções e alguns estados mentais dos outros, entretanto, apenas em situações imediatas. Logo, entende-se que estes indivíduos podem chegar a apresentar expressões mais simples de autoconsciência, sendo estas desenvolvidas por meio de outros mecanismos. Nesse contexto, entender a forma de funcionamento e os meios a partir dos quais ocorre o desenvolvimento dos processos de autoconsciência de indivíduos com TEA contribui para a compreensão do cotidiano educacional das escolas que recebem alunos com este transtorno.

Entende-se que as habilidades de autoconsciência em crianças com autismo se desenvolvem de forma embrionária e por meios distintos. Fiore-Correia et al. (2010), ao tratarem de indivíduos com TEA de alto funcionamento, ressaltam que estes apresentam a habilidade de refletir sobre os seus próprios estados mentais (autorreflexão) e os dos outros, contudo, o fazem por meio de um lento e difícil processo de aprendizagem. Nesse contexto,

seria possível desenvolver a partir da aprendizagem habilidades de autoconsciência em indivíduos com autismo?

Conforme Fiore-Correia et al. (2010), apesar da relevância dos estudos sobre autoconsciência nesta população, este processo ainda tem sido pouco explorado nos estudos que tratam do TEA. Os autores afirmam que a autoconsciência é imprescindível para o desenvolvimento humano, sendo um tema de relevância fundamental para uma melhor compreensão do transtorno e para o desenvolvimento de formas mais eficazes de tratamento e inclusão. Contudo, demanda-se por mais pesquisas, especialmente no que concerne ao desenvolvimento das habilidades de autoconsciência e de práticas interventivas centradas neste processo cognitivo.

Considerando o processo de autoconsciência aqui brevemente discutido em suas relações com o TEA, podemos afirmar que o desenvolvimento cognitivo deste é central na compreensão dos indivíduos que apresentam autismo. Conforme afirma Pereira (1999), as crianças com TEA apresentam comportamentos perseverativos e de apego a ideias, o que pode ser alterado a partir do desenvolvimento, de modo que o indivíduo possa se encaminhar para interesses mais cognitivos, sobretudo sensoriais (memorização de nomes, sequências de números, dentre outros). Assim sendo, entender como estes sujeitos percebem e assimilam a realidade que os cerca também pode ser crucial para a criação de intervenções que impulsionem o desenvolvimento, tanto no contexto clínico quanto escolar, possibilitando melhores condições de vida e de inserção social.

Existem evidências de que as abordagens terapêuticas mais efetivas ocorrem a partir da educação formal de forma precoce, aliada à integração de diferentes profissionais. Este contexto facilita o uso de técnicas de manejo mais eficazes, facilitando a generalização e a manutenção de habilidades adquiridas. Tais estratégias auxiliam a minimizar ou evitar problemas comportamentais posteriores, pois as crianças aprendem rapidamente que seus comportamentos podem servir como um meio para controlar o seu ambiente (ROGERS, 1996).

Nesse âmbito, diferentes perspectivas abordam a relação do desenvolvimento cognitivo com os processos de aprendizagem, sendo a proposta teórica construtivista e interacionista de Lev Vygotsky uma possibilidade interessante no que tange ao desenvolvimento de habilidades em pessoas com TEA. Vygotsky nos apresenta uma

perspectiva de acordo com a qual o desenvolvimento psicológico pode ser entendido enquanto um processo histórico e de natureza cultural, logo, entende-se que a gênese das funções mentais superiores é cultural e não unicamente biológica.

Assim, o desenvolvimento cognitivo basear-se-ia na aprendizagem, sendo esta a principal força que atua no sentido de promovê-lo (PINO, 2005; CORRÊA, 2017). Para Vygotsky (2007, p. 103) “o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer”. O autor ainda afirma que não é o desenvolvimento que precede e torna possível a aprendizagem, mas é a aprendizagem que antecede, possibilita e impulsiona o desenvolvimento.

Neste sentido, Aguiar (1997) afirma que a criança com autismo pode aprender através de uma rotina de atividades e com a ajuda de outras pessoas. No entanto, a aprendizagem desses indivíduos é mais lenta, sendo pouco significativa e não estabelecendo uma relação com os conhecimentos prévios. Assim, demanda-se pela participação dos pais, familiares e professores na criação de situações que minimizem essas dificuldades. Gauderer (1987) corrobora ao afirmar que as crianças com autismo, em geral, apresentam dificuldade em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas quando participam de um programa intenso de aulas parecem ocorrer mudanças positivas nas habilidades de linguagem, motoras, na interação social e na aprendizagem.

Salienta-se que, independente do ambiente, a intervenção precisa estar voltada às necessidades específicas do indivíduo, de forma a prover situações que impulsionem o incremento de habilidades necessárias para o seu desenvolvimento cognitivo e integração social. A depender do indivíduo podem ser necessárias, por exemplo, mais intervenções voltadas ao aumento das habilidades senso-perceptivas do que as de autoconsciência, de modo que destacamos aqui a importância do desenvolvimento de planos terapêuticos e abordagens pedagógicas singulares e específicas, centradas nas necessidades apresentadas pelo próprio sujeito com TEA.

Nesse contexto, é de extrema relevância a compreensão das particularidades dos aspectos cognitivos destes indivíduos. Entretanto, segundo Sacks (1995), a compreensão sobre o autismo está progredindo, porém, caminha a curtos passos e de maneira lenta, exigindo-se, para que haja o entendimento final do autismo, grandes avanços, tanto teóricos

quanto conceituais. Apesar das recentes pesquisas, ainda estamos longe de chegar a uma compreensão completa do que é o TEA e de como efetivamente intervir de maneira a minimizar seus efeitos.

Evidencia-se que a realização de pesquisas e a publicação de trabalhos a respeito do assunto é de essencial importância para que alunos com necessidades especiais possam ser beneficiados e para que a população disponha de informações para compreender melhor o significado da inclusão escolar. Além disso, esclarecimentos sobre o funcionamento cognitivo dos indivíduos com TEA podem nos ajudar a compreender a origem de seus comportamentos e a não mais caricaturá-los.

## **Conclusões**

Evidenciamos que embora algumas áreas do funcionamento cognitivo dos indivíduos com autismo estejam frequentemente preservadas, as que possuem o chamado “funcionamento atípico” ainda precisam ser mais compreendidas e consideradas para que seja possível o desenvolvimento de ações interventivas focais que objetivem o aumento do bem-estar destes indivíduos e a efetiva possibilidade de inclusão escolar. Nesse contexto, enfatizamos a relevância do estudo dos processos de autoconsciência, que compreendidos podem contribuir para o entendimento das necessidades educativas especiais dos indivíduos com TEA.

O Transtorno do Espectro do Autismo se refere a um tema que toca nas mais profundas questões de ontologia, pois envolve um desvio radical no desenvolvimento do cérebro e da mente (SACKS, 1995). O indivíduo com autismo apresenta um modo de funcionamento extremamente peculiar, de modo que, para que possa existir a efetiva inclusão social, é necessário compreender essa diferente forma de funcionamento. Para Pereira et al. (2013), a partir do momento em que uma criança é diagnosticada com autismo já se sabe que as adaptações necessárias à inserção social desta não serão fáceis. Desse modo, compreender a forma a partir da qual o indivíduo se auto reconhece e reflete sobre os seus próprios sentimentos e ações (autoconsciência) é de fundamental relevância.

Ressaltamos aqui a necessidade de novas pesquisas nos campos da pedagogia e da psicologia cognitiva que nos indiquem novas possibilidades no ensino dos indivíduos que apresentam este transtorno. Afirmamos ainda a necessidade de buscarmos ressignificar as construções sociais acerca do indivíduo com transtorno do espectro autista que o consideram

como indivíduo sem capacidades. Sugere-se que pesquisas futuras sejam realizadas a fim de esclarecer algumas questões não discutidas neste artigo, a exemplo das alterações em outros processos cognitivo também relevantes na compreensão do transtorno.

## Referências

- AGUIAR, A. **Crianças com alterações do espectro do autismo: subsídios para o estudo da avaliação e intervenção psicoeducacional em casos de autismo**. Dissertação de mestrado em psicologia educacional. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, 1997.
- CAMARGO, S. P. H; BOSA, C. A. **Competência social, inclusão escolar e autismo: um estudo de caso comparativo**. *Psic.: Teor. e Pesq.*, v. 28, n. 3, 2012.
- CUNHA, E. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.
- FERRARI M; MATTHEWS W. **Self-recognition deficits in autism: syndrome or general developmental delay?** *J Autism Dev Disord.*, v.13, n. 3, 1983.
- FIGUEIREDO-CORREIA, O. B.; LAMPREIA, C.; SOLLERO-DE-CAMPOS, F. **As falhas na emergência da autoconsciência na criança autista**. *Psic. Clin.*, v.22, n.1, p. 99-121, 2010.
- GARCIA, T; RODRÍGUEZ, C. A criança autista. In: Bautista (coord). **Necessidades especiais**. Lisboa: Dinalivro, 1997.
- GAUDERER, E. C. **Autismo – Década de 80. Uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais**. 2. ed. Brasília: Almed, 1987.
- GUZZO, R. A, J; KATZELL, R. A. **Meta-analysis analysis**. *Res Organ Behav.*, v.9, n.3, 1987.
- HOBSON, R. P.; CHIDAMBI, G.; LEE, A.; MEYER, J. **Foundations for self-awareness: an exploration through autism**. *Monographs of the Society for Research in Child Development*. v. 71, n.2, 2006.
- KANNER, L. Os distúrbios do contato afetivo. In: ROCHA, P.S. (Org.). **Autismos**. São Paulo: Escuta, p. 111-170, 1997.
- PEREIRA, C. A. V.; PEREIRA, C. F. V.; PEREIRA, C. C. V. **Autismo infantil: aplicações do ensino estruturado na inclusão escolar**. *Rev. Ciênc. Saúde Nova Esperança*, v.11, n.3, 2013.
- PEREIRA, E. **Autismo: o significado como processo central**. Lisboa: Secretariado de Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, 1999.
- PINO, A. A psicologia concreta de Vygotsky: Implicações para a educação. In: MAHONEY, A. A.; PLACCO, V. M. S. **Psicologia e Educação: revendo contribuições**. São Paulo: Educ., p. 33-61, 2005.
- RODRIGUES, J. M. C.; SPENCER, E. **A criança autista: um estudo psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

ROGERS SJ. **Brief report: early intervention in autism.** J Autism Dev. Disord., v.26, n.2, 1996.

ROTHER, E. T. **Revisão sistemática X revisão narrativa.** Acta Paulista de Enfermagem, v.20, n.2, p. 4-5, 2007.

SACKS, O. **Um antropólogo em marte: sete histórias paradoxais.** São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SOUZA, J.C; FRAGA, L.L; OLIVEIRA, M.R; BUCHARA, M.S; STRALIOTTO, N.C; ROSÁRIO, S.P; REZENDE, T. M. **Atuação do Psicólogo Frente aos Transtornos Globais do Desenvolvimento Infantil.** Psicologia ciência e profissão, v.24, n. 2, p. 24-31, 2004.

STERNBERG, Robert J. **Psicologia cognitiva.** São Paulo: Cengage Learning, p. 383-437, 2010.